

# UNIVERSO ARQUIVÍSTICO

**Eliana Maria dos Santos Bahia**

Professora do Departamento de Ciência da Informação (CIN)  
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PGCIN)  
Centro de Ciências da Educação (CED)  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Florianópolis/SC  
e-mail: [eliama.maria@cin.ufsc.br](mailto:eliama.maria@cin.ufsc.br)

**Resumo:** Os autores abordam a temática Informação arquivística. Apresenta coletânea que constitui uma inovação na área da arquivologia; abordagens dentro do contexto de do saber arquivístico, análise comparativa da crítica textual e da teoria do arranjo arquivístico e das representações na concepção da arquivologia, Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento, proporcionando reflexão para profissionais da área.. Direcionada aos interessados na temática, em especial aos profissionais arquivistas, historiadores, documentalistas..

**Palavras chaves:** Informação. Arquivologia. Preservação documental. Memória.



GILLIAND, Anne J.; SUE, Mckemmish ; LAU, Andrew J. (Org.). **Pesquisa no Multiverso arquivístico**. Tradução de Anna Cistina Rodrigues. Salvador: 9Bravos, 2019. 397p. ISBN: 978-85-67178-10-3.

A obra traduzida pela Ana Cristina Rodrigues - é escritora, historiadora concentra meus estudos na Alta Idade Moderna, mestre pela Universidade Federal Fluminense tem alguns artigos publicados sobre o assunto, editora, tradutora, professora e funcionária pública da Biblioteca Nacional - RJ, pesquisa o acervo cartográfico da instituição, principalmente os mapas da Coleção Tereza Cristina Maria. Brinda-nos com esta bela obra que é referencia na área da Arquivologia brasileira, Ciência da Informação e Gestão de Conhecimento, proporcionando reflexão para profissionais conscientes no mundo contemporâneo da informação.

Nos diferentes capítulos, os leitores podem verificar a evolução no campo da Arquivologia para resolver problemas da recuperação da informação. A guarda dos registros em arquivo para conhecimento dos arquivistas, historiadores e documentalistas. A arquivologia acompanha a evolução do suporte mediante aplicação das tecnologias, com um suporte eletrônico, registrando o analógico.

Dedicatória: *Arquivos e comunidades indígenas por Shannon Faulkhead e Kirsten Thorpe arquivísticas - lembrando Allison Boucher Krebs ( 08/09/1951 – 26/01/2013)*, era membro da tribo de Sault. Marie da nação Chippewa, doutoranda na Escola de Informação da Universidade de Washington e parte do Grupo de Pesquisa sobre Informação Indígena nessa mesma universidade, presidente da Mesa Redonda de Arquivos de Nativos Americanos da Sociedade Americana de Arquivos e serviu no Comitê de Planejamento Estratégico e Gestão da Associação de Arquivos, Biblioteca e Museus Tribais (ATALM). Allison foi pesquisadora-visitante na Universidade Monarch na Austrália, Associada para Documentação de Línguas Ameaçadas da Fundação Nacional de Ciência, e ganhou um MLS como Pesquisadora do Programa knowledge River da Universidade do Arizona. Graduou-se na primeira turma de mulheres de Yale College. Sua pesquisa se concentrava na ecologia do conhecimento indígena. Sempre que morre um velho na África é como se uma biblioteca queimasse. ( *Em Afrique, quando um viellard meurt, c'est une bibliothèque qui brûle*). Uma biblioteca queimou, em 26 de janeiro de 2013, perdemos Ally, nossa querida amiga, colega e irmã.

Apresentação da obra são três mulheres indígenas Allison Boucher Krebs – escrevia em sua biografia como Ally Krebs, Shannon Faulkhead as duas da Austrália, outra dos EUA Kirsten Thorpe, todas arquivísticas e empenhadas em melhorar a ciência arquivística para que as comunidades delas não precisassem mais enfrentar os dilemas e as dores do passado e do presente. Nos últimos quatro a seis anos, os caminhos entrelaçaram a ponte de não podermos mais nos ignorar (mesmo se quiséssemos) e passamos a desenvolver uma amizade, uma família, e decidimos que precisávamos trabalhar juntas para compartilhar e educar.

O primeiro capítulo – *Tradições arquivísticas e de preservação de documentos no multiverso e sua importância para situações de pesquisa e situar pesquisas* – tratado pela Dra. Anne J. Gilliland é Professora e Diretora da Especialização em Estudos Arquivísticos no Departamento de Estudos da Informação, Diretora do Centro de Informações como Evidência, Escola de Pós-Graduação em Educação e Estudos da Informação, e uma afiliada do corpo docente do Centro de Humanidades Digitais da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). A autora faz uma breve introdução à história das ideias e práticas arquivísticas, e de como elas se uniram nos últimos três séculos para formar um corpo de princípios teóricos, definições e práticas de excelência mundialmente reconhecida e que é central no campo profissional de ciência arquivística no mundo. Considera a arquivologia

em relação com uma conceitualização mais ampla de preservação de documentos e de estudos em arquivos. Introduzir o conceito de multiverso arquivístico e discute a forma plural nas ideias e práticas continuaram não só a coexistir, mas também a emergir, dentro e fora da profissão.

Segundo capítulo - *O método arquivístico* – escrito por Luciana Durati e Giovanni Michetti – o corpo de conhecimento arquivístico teve origem nas disciplinas jurídicas e se desenvolveu ao longo dos séculos através da integração com disciplinas e históricas. A arquivística surgiu do conhecimento humanista e atingiu sua maturidade como ciência, abordando suas próprias questões de pesquisa usando um método derivado de seu corpo de teoria interdisciplinar, “o método arquivístico”, como era chamado quando se desenvolveu no século XIX. Neste capítulo destarte, é revisitar o método arquivístico, examinar sua origem, desenvolvimento e características, examinar as ideias teóricas sobre as quais se baseia e em seus processos analíticos constituintes, e identificar eu lugar na pesquisa no Multiverso Arquivístico.

Terceiro capítulo – *uma história das ideias práticas de arquivo na China* – Zhiying Lian é professora na Universiadde Shanghai na China, análise a linguagem das práticas e das ideias arquivísticas chinesas e os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais que as influenciaram e moldaram durante as três fases da história chinesa (China Antiga, China Moderna e China Contemporânea). Resumem-se as mudanças sobre o papel dos arquivistas, sobre como o valor dos registros e arquivos são considerados, e sobre o foco mutável da comunidade arquivística e da estruturação do paradigma arquivístico. Conclui que a China atual está passando por uma grande transição, digital e social, há tendência global em outros países, a comunidade arquivística chinesa atualizada que necessita exercer papel ativo no desenvolvimento de ideias e práticas arquivísticas e adaptá-las para lidar com as transições para aumentar o entendimento mútuo e a aprendizagem no multiverso arquivístico.

Quarto capítulo – *guarda de registro no continuum* – elaborado por Sue Mckemmish é professora é uma arquivista e estudiosa australiana no campo da arquivística. Ela é atualmente a Associate Dean Graduate Research para a Faculdade de Tecnologia da Informação na Universidade Monash, em Melbourne. Reflete sobre a evolução da teoria e prática do records continuum na Austrália com referência aos contextos históricos, sociais, jurídicos e geopolíticos, filosofias, teorias e influência culturais que o moldou. Refere-se extensivamente ao trabalho de teóricos, pesquisadores, educadores e praticantes do modelo e

explora sua visão de mundo distinta como refletida na metanarrativa de records continuum com sua conjectura, considerações, exemplares e aplicativos em desenvolvimento. Com uma reflexão sobre o records continuum e o multiverso arquivístico, destacando a natureza transformadora das obras e das pesquisas recentes.

Quinto capítulo - *decifrando e interpretando os fundos arquivísticos e suas partes: uma análise comparativa da crítica textual e da teoria do arranjo arquivístico* – Heather MacNeil é professora na Faculdade de Informação da Universidade de Toronto, no Canadá. Ela ensina arquivos e mantém tópicos relacionados. Ela é ex-editora geral da *Archivaria* e ajudou a desenvolver o conceito do vínculo Arquivístico. Examinar as alianças conceituais e metodológicas entre a tradição anglo-americana de críticas textual e a teoria europeia do arranjo arquivístico. Argumenta que os esforços do crítico textual para restaurar um texto literário para o mais próximo possível de sua forma original “ideia” espelha os esforços do arquivista para preservar a ordem original dos fundos de um criador – a ordem final em que os registros foram ativamente mantidos por aquele criador. Uma análise comparativa da crítica textual e do arranjo arquivístico nos convida a ver a teoria do arranjo arquivístico sob uma luz diferente, colocando em relevo as suposições subjacentes e as forças sócio-históricas que moldaram essas suposições, há uma nova forma de interpretar e revitalizar essa teoria.

Sexto capítulo – *Multiverso arquivístico e os vórtices no continuum espaço-tempo* – Frank Upward pessoalmente contribuiu substancialmente para o desenvolvimento do Padrão Australiano de Gerenciamento de Registros, que expôs ainda mais o pensamento de recordista australiano a um público mais amplo internacionalmente. O modelo contínuo forneceu a base para o desenvolvimento do Sistema Australiano de Registros de Registros (ARKMS), que incluiu o modelo de dados adotado pela Norma Internacional ISO 23081 para Metadados de Registros. O prêmio de Fellow da Sociedade Australiana de Arquivistas foi conferido ao Dr. Frank Upward em reconhecimento à sua imensa contribuição ao desenvolvimento, ensino e pesquisa de arquivos. Suas contribuições intelectuais continuam em seu papel atual como pesquisador principal no Centro de Informática Organizacional e Social com um interesse contínuo em informática de registro. Concluindo, a reputação internacional merecida de Frank Upward é construída sobre uma carreira de contribuições impressionantes para teoria arquivística, prática e ensinando. Somos muito felizes por tê-lo como arquivista e recordista, pesquisador, educador e pensador original. Ele é inquestionavelmente merecedor do título de Fellow da Sociedade Australiana de

Arquivistas. A base dessa contribuição é a descrição das filosofias que emergiam quando o filósofo William James cunhou o termo “multiverso” e o pensamento de continuum surgiu como um esforço acadêmico coletivo para entender a complexidade em expansão. Esse mesmo pensamento emergiu na prática arquivística anglo-americana na década de 1930 (em uma forma menos discursiva) e continuou no desenvolvimento das práticas de records continuum na Austrália nas décadas de 1950 e 1960. O relato dessa emergência será amplamente controlado pelo conceito de vórtices de espaço-tempo, expressos inicialmente em pesquisas sociais conduzidas por Leisa Gibbons na Universidade Monash. Como modelo para a formação de conhecimento, sugere o caos e não a ordem e o propósito desta contribuição é encorajar os pesquisadores a pensar sobre o papel das práticas de arquivísticas na tentativa de trazer alguma ordem de volta ao continuum de expansão de informação registrada que é o multiverso arquivístico.

Sétimo capítulo – *As viradas e as voltas arquivísticas* – Eric Ketelaar (1944) é professor emérito da Universidade de Amsterdã, de 1997 a 2009, foi Professor de Arquivística no Departamento de Estudos de Mídia (Arquivo e Estudos da Informação) da Universidade de Amsterdã. Como membro honorário de seu antigo departamento, ele continua sua pesquisa, que se preocupa principalmente com os contextos sociais e culturais de criação e uso de registros. De 2003 a 2008, foi professor honorário da Monash University, Melbourne (Faculdade de Tecnologia da Informação), onde continua envolvido como pesquisador adjunto sênior. Os últimos quinze anos testemunharam um crescente interesse multidisciplinar em diferentes aspectos dos arquivos e dos fenômenos arquivísticos. O movimento mais notável foi a “virada arquivística” em várias disciplinas. Fora dos limites tradicionais da arquivística (Arquivologia), um novo conceito de “arquivo” foi adotado antropólogos, sociólogos, psicólogos, filósofos, teóricos culturais e literários e artistas. Mapeia os paradigmas dessas várias “Arquivologias” causadas pela “virada” e sugere como elas poderiam produzir voltas arquivísticas” ou novas perspectivas que enriqueçam a teoria, a metodologia e a prática arquivística.

Oitavo capítulo – *Pesquisa de memória / pesquisa arquivística* - Jeannette A. Bastian é professora e diretora adjunta de Assuntos Acadêmicos e diretora da área de administração de arquivos. Ela ensina na Simmons desde 1999. Anteriormente Bibliotecária Territorial das Ilhas Virgens dos Estados Unidos de 1987 a 1998, ela recebeu seu MLS da Universidade de Shippensburg, um M. Phil em Literatura Caribenha da Universidade das Índias Ocidentais

(Mona) e um Ph. D. da Universidade de Pittsburgh. Seus interesses de pesquisa incluem educação arquivística, memória, arquivos comunitários e pós-colonialismo. Ela é amplamente publicada na literatura arquivística e seus livros incluem *West Indian Literature*, um índice para crítica, 1930-1975 (1981), *memória, como uma comunidade caribenha perdeu seus arquivos e encontrou sua história* (2003), *estágios de arquivamento* (2008) e *Arquivos Comunitários, The Shaping of Memory* (2009). Os estudos de memória são um foco crescente de atenção acadêmica em muitas disciplinas, particularmente nas ciências sociais. Os arquivistas, embora se preocupem há muito tempo com questões de memória, não se concentram nelas para suas pesquisas. Este capítulo aborda os estudos de memória como uma área emergente de arquivos em estudos de memória, explorando pesquisas anteriores, sugerindo novos caminhos e métodos de pesquisa e dando exemplos de abordagens. Objetivo é construir uma base para a pesquisa de memória pelos arquivistas, sugerindo novas abordagens enquanto reconhece os existentes.

Nono capítulo - *Quando é um registro? Estrutura de pesquisa para localização de registro eletrônicos na infraestrutura* – este capítulo apresenta uma estrutura para os pesquisadores de arquivo responderem pela transmissão e materialidade da pesquisa de registros eletrônicos, localizando-os dentro das infraestruturas da comunicação contemporânea em rede. A primeira seção contextualizada a necessidade de pesquisa, apresentando a importância de camadas de infraestrutura para a criação e circulação de registros digitais transmitidos através de redes sem fio. A segunda seção apresenta uma estrutura de pesquisa para o estudo de novas tecnologias de comunicação de informação e contextos emergentes de registros eletrônicos e reflete sobre por que estrutura é necessária e como ela foi construída. A estrutura, que se baseia na teoria de records continuum e no conceito de espaço-tempo, retoma os aspectos lógicos e físicos de modelo de objetos digitais de Thibodeau e aplica a abordagem micro etnográfico de Trace à comunicação em rede, possui três elementos: camadas de infraestrutura e contexto, exame de redes de guarda de registros e engajamento com a recuperação de informações. A terceira seção apresenta o estudo de caso de Kurt Mix e o British Petroleum Oil Spill, a fim de ilustrar as possibilidades de como este quadro pode ser aplicado na pesquisa de arquivos.

Décimo capítulo – *Para além dos pilares de evidências : explorando o terreno instável dos arquivos Queer e suas metodologias* – Jamie A. Lee. Neste capítulo considero criticamente as maneiras pelas quais a heteronormatividade, a homonormatividade e as

políticas de respeitabilidade se juntam tanto para assombrar quanto para produzir as narrativas digitais que constituem o Projeto de Narrativas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Queer (LGBTQ) do Arizona, a fim de descobrir como as memórias às vezes são disciplinadas para reproduzir narrativas normativas sobre os passados queer. Lee procura o potencial queer nas histórias compartilhadas e nas tecnologias digitais participativas que as registram. Embora conversas sobre tornar o arquivo queer não são novas e estão, de fato, ocorrendo transnacionalmente, elas são estendidas aqui para explorar as maneiras como a conformidade com as normas de arquivo pode ser traiçoeira. Pergunto se um arquivo pode ser um espaço de intervenção radical ou se deve ser sempre e somente um repositório de histórias que reproduzam iterações normativas de histórias que informam imaginários nacionais poderosos e normatizadores. Aqueles de nós comprometidos a intervir nos construtos arquivísticos tradicionais e nas práticas relacionadas de coleta e documentação, podemos ver que as práticas correm o risco de reproduzir normatividades sexuais e divisões sociais. Devemos, portanto, entender o arquivo queer como sempre em movimento – formato e reformato a si mesmo à medida que constituímos e lembramos suas coleções. Neste capítulo defende a necessidade de desenvolver uma metodologia arquivística queer (MQ), para assegurar que histórias complexas, não-normativas e até mesmo contraditórias tenham seus lugares nos registros da sociedade.

Décimo primeiro capítulo – *Raça e Cultura :Uma Abordagens de Estudos Étnicos para a Pesquisa de Arquivo e Registro nos Estados Unidos-* Kelvin L. White - enfoca as estruturas conceituais desenvolvidas em estudos étnicos e contempla o que podem contribuir para abordagens de pesquisa de arquivo e guarda de registros por meio de uma lente afro-americana. O artigo explora a linhagem epistemológica dos estudos étnicos, sua emergência e evolução no contexto dos EUS; define e discute os principais conceitos e contextos relevantes para estudos étnicos, incluindo ambientes culturais; e comenta as relações entre as ideias de estudos étnicos e aquelas tiradas do pensamento arquivístico tradicional e pós-moderno. Por fim, o artigo discute algumas das considerações sobre o uso das estruturas conceituais dos estudos étnicos em pesquisas relacionadas à práticas de arquivo e guarda de registros nos Estados Unidos.

Décimo segundo capítulo – *Introduzindo a teoria crítica de raça ao discurso arquivístico : começando o debate* – Anthony W. Dunbar - este capítulo foi originalmente publicado em *Archival Science* 2006, 6 (1):109-129. Os direitos pertencem ou são

controlados pela Springer e infelizmente não foi possível incluí-lo nesta edição de *Pesquisa no Multiverso Arquivístico*.

Décimo terceiro capítulo – *Sem deixar Vestígios : sexualidade e o Arquivo Colonial-Anjali Arondekar* - o arquivo surgiu como o registro de arranjos epistêmicos, registrados em seus avatares em proliferação a mudança de teor dos debates acadêmicos sobre a produção e institucionalização do conhecimento. O local literal e figurativo do arquivo permite o “começo” de e fornece o “mandamento” para o trabalho intelectual”. “Febre de arquivo” expressa o desejo por este arquivo, o desejo de entrar e obtê-lo, mesmo até a morte. Essa leitura desconstrutiva do arquivo como um repositório de significados necessário e precário foi adotada, bem como resistida por historiadores e antropólogos.

#### ARCHIVISTIC UNIVERSE: BOOK REVIEW

**Abstract:** The authors address the Archival Information theme. Presents a collection that constitutes an innovation in the field of archivology; approaches within the context of archival knowledge, comparative analysis of textual criticism and archival arrangement theory and representations in the conception of archivology, Information Science and Knowledge Management, providing reflection for professionals in the field. especially to archivist professionals, historians, documentaries .

**Keywords:** Archival science. Document preservation. Memory.

*Originais recebidos em: 13/03/2019*

*Aceito para publicação em: 25/09/2019*

*Publicado em: 31/12/2019*